

RECADO DE PARIS

Paris, maio — Paul Claudel vai ser recebido pelo Papa, e Sua Santidade vai ouvir alguns artistas declamarem trechos do poeta francês. Mas a representação de uma parte da peça "L'Annoce faite a Marie" foi suprimida.

Por que? Várias versões. Primeira: teria havido uma campanha surda por parte de eminentes italianos e espanhóis contra essa homenagem excepcionalíssima à cultura francesa. Uma companhia italiana apresentou-se em levar uma tradução da peça em Roma, e surgiu uma polémica na imprensa de lá. Alguns jornalistas afirmam que a peça deixa muito a desejar do ponto de vista da ortodoxia. Outros a elogiam. Mas existe a polémica — de maneira que se o Papa assistisse à peça pareceria que S. S. estava tomando partido.

Segunda versão, de "Combat". o Núncio, e em seguida o Vaticano, ficaram aborrecidos com a maneira "frívola" pela qual a imprensa parisiense noticiou e comentou a montagem da peça no Vaticano. Chegou-se mesmo a dizer que um cantorista já havia composto alguns "couplets" sobre o assunto.

Última versão: o diretor, Jacques Hebertot, não teria conseguido dos técnicos do Vaticano um mínimo de facilidades para a montagem da peça com os efeitos de luz especiais que ele desejava.

Em suma: a peça não será levada. E Paul Claudel limitou-se a declarar que essa história toda produziu "grandes aborrecimentos"

* * *

Duke Ellington está discutidíssimo. Uma grande parte dos fanáticos do jazz que se moveu de Saint Germain até o Palácio Chaillot para ouvir sua orquestra não gostou, e vaiou certos números.

Duke, um negro imensamente simpático e de bom humor, foi ao microfone: "Vocês sabem que nós gostamos muito de vocês. É uma pena que não estejam gostando de nossa música. Estamos tocando aqui como se estivéssemos em Nova York ou na Califórnia. Se não gostam disso, não sei o que poderemos fazer. Enfim, vamos continuar, talvez para a frente vocês achem melhor..."

Os "hot-fans" de Paris são mais realistas que o rei, e mais católicos do que o Papa — comenta um crítico. Um deles pôs-se a explicar a Duke o que é a música do jazz. O grande improvisador disse: "Não, eu não sei o que é música de jazz. Eu faço música popular negra". E como alguém falasse em Debussy, ele disse: "gosto muito".

Pela madrugada tive o prazer de ouvir Duke tocando piano, no restaurante da grande negra Inés, minha amiga e velha paixão do pintor Antonio Bandeira. Todo mundo vibrou com aquele número inesperado no antro da rue Champollion. Mas quem se divertia mais era Duke Ellington — bastava olhar a cara dele para a gente ver isso.

10.5.50

R. B.